



AS DIABRURAS, GOSTOSURAS E TRAVESSURAS DE NOSSO FAUSTO BRASILEIRO

Francisco de Assis Ferreira Melo*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
fafassis@yahoo.com.br

RESUMO: Esta pesquisa centra-se na análise comparativa de dois textos: **O Sacy**, de Monteiro Lobato, e **Fausto**, de Goethe. O nosso objeto na análise será, mais especificamente, as relações entre os seres humanos e os demônios, Sacy e Mefistófeles. Em ambos os casos, essas obras desenvolvem um diálogo entre o mundo real e o sobrenatural, através de pactos geradores de conflitos nas vidas dos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada – Pactos – Demônios.

ABSTRACT: This research is centered in the comparative analysis of two texts: **O Sacy**, of Monteiro Lobato, and **Faust**, of Goethe. Our object in the analysis will be, more specifically, the relationships among the human beings and the demons, Sacy and Mephistopheles. In both cases, those works develop a dialogue between the real world and the supernatural, through generating pacts of conflicts in the men's lives.

KEYWORDS: Compared Literature – Pacts – Demons.

Antes de escrevermos este artigo, uma pergunta nos incomodava. Qual seria um sentimento comum a todos os homens? Talvez este sentimento seja o medo. Ele nos conduzirá ao objeto de nossa análise. Como enfrentar o medo? Esta é uma pergunta à procura de resposta. A Literatura tem trabalhado para respondê-la se apoiando em um mundo fantástico. Diria Tolkien:

O reino das histórias de fadas é amplo, profundo e alto, repleto de muitas coisas; todas as espécies de animais e aves se encontram por lá; oceanos sem margem e estrelas incontáveis; uma beleza que é um encantamento, e um perigo sempre presente; alegrias e tristezas agudas como espadas.¹

* Mestrando em Teoria literária pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

¹ TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad, 2006, p. 9.

Este é o mesmo Reino onde também nasce a sombra difusa do medo cercando o ser humano com seus questionamentos caçadores de mentes descuidadas.

Discutido como uma questão filosófica que tem influência no comportamento humano, o medo é descrito na **Bíblia** quando o demônio tenta Jesus. Na Literatura o medo aparece em vários textos como, por exemplo: **A Cartomante**, de Machado de Assis, sob a forma de previsão do futuro; **A Igreja do Diabo**, outro conto de Machado de Assis, que descreve a ousadia e a fundação da igreja do diabo; meio burlesco, em **Incidente em Antares**, de Érico Veríssimo, em que os mortos voltam à vida e apavoram a população; na literatura alemã temos o texto **Fausto**², de Goethe, que mostra a associação de um homem com o demônio. Temos ainda um diabrete esperto mais caricatural e brincalhão, **O Saci**³, de Monteiro Lobato. Esses dois últimos, embora separados por séculos em suas gêneses, guardam questões em comum como os pactos e a presença do sobrenatural.

O medo sempre esteve presente, em diferentes épocas, na história da humanidade, trazendo questões que assombram o homem, como o sobrenatural. Nesta pesquisa o medo será mostrado através da relação entre homens e seres místicos. O enfoque central estará nas relações existentes entre o Saci-Pererê e Pedrinho, e, na vertente européia, Fausto e Mefistófeles. Os questionamentos levantados, tanto por Mefistófeles quanto por Saci, ambos representantes do sobrenatural, aos seres humanos, Fausto e Pedrinho, fazem-nos pensar se seria possível chegar a alguma conclusão sobre o **modo de Ser do ser humano**. Veremos, mais abaixo, como o medo pode nos envolver e nos surpreender.

A BÚSSOLA DO PERDIDO

Na Literatura existem várias obras em que o aparecimento de entidades infernais gera momentos de conflitos que levam os personagens humanos ao fracasso e os faz defrontarem-se com o dilema de servir a Deus ou ao Diabo. Uma das obras onde podemos encontrar tal confrontação entre forças tão antagônicas é a **Bíblia** e as tentações por que passou Jesus. É o mal livre pelo mundo, procurando almas descuidadas e corações fracos, possíveis de serem corrompidos.

² GOETHE, J. Wolfgang Von. **Fausto, uma tragédia**. São Paulo: Editora 34, 2007. 552 p.

³ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Editora Globo, 2007. 72 p.

Assumindo diversas formas, o Demônio anda entre os homens oferecendo seus préstimos como fez a Jesus: “Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar.” (MATEUS, 4, 1-8-9, p. 1241)⁴. Oferta prontamente rejeitada por Jesus em sua afirmação de fé ao Pai.

No texto de Goethe, logo no início do “Prólogo no céu”, juntando-se aos anjos e arcanjos Mefistófeles lhes fala:

Bem, bem! Meu dia se aproxima
E minha aposta está a salvo.
Mas, permiti que o meu triunfo exprima,
Tão logo que eu atinja o alvo,
Ingira pó, com deleite, o papalvo,
Como a serpente, minha ilustre prima.⁵

Seguro de si anuncia ao altíssimo suas pretensões, arrebanhar mais uma alma. Em sua provação, Fausto, um cientista-alquimista alemão, à procura da cura para a Peste Negra, será tentado por Mefistófeles.

As tentações – na forma de Mefistófeles – seguem os homens ao longo de sua existência desde quando Eva sucumbiu às provocações da serpente e comeu o fruto proibido, depois ofertando a Adão. Tal demonstração de fraqueza do ser humano ocasionou sua expulsão do Paraíso. Diria Gandalf sobre o ser tentado: – “[...] Como todos que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado.”⁶ Assim como Jesus, ao ser tentado pelo demônio, Fausto vive seu momento trágico diante da presença de Mefistófeles sucumbindo a ele e firmando um contrato. O dilema de Fausto, “a quem servir”, o conduzirá ao fracasso. Ao encontrar o grande amor de sua vida, desencadeará o processo destruturador da ordem natural dos acontecimentos.

⁴ **BÍBLIA SAGRADA, edição Pastoral.** Tradução de Ivo Stormiolo. São Paulo: Paulus, 1990. 1632 p.

⁵ “[...] este prelúdio à história terrena de Fausto tem por pressuposto, como no Livro de Jó, uma audiência entre o Criador e os “filhos de Deus”, que Mefistófeles irá chamar de “pessoal” (Gesinde). Ao contrário, porém, do texto bíblico, Goethe dá voz primeiramente aos “filhos genuínos da Deidade”: Os arcanjos Rafael, Gabriel e Miguel, que louvam as inescrutáveis obras do Universo”. (Introdução de Marcus Vinicius Mazzari antecedendo cada cena com o intuito de ajudar na visualização de cada momento. (GOETHE, J. Wolfgang Von. **Fausto, uma tragédia.** São Paulo: Editora 34, 2007, p. 55.)

⁶ TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis, a sociedade do anel.** São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.52-53.

Mas não é somente a tragédia que compõe os textos onde há a presença de seres infernais cujos anseios são tornar a vida do homem algo mais próximo do inferno. Há casos em que essas criaturas também tentam tornar a vida dos homens mais amena. Outros chegam a ser divertidos, apesar de seu caráter infernal.

DIABRETES E DIABRURAS À BRASILEIRA

Monteiro Lobato, ao criar o universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo, não poderia imaginar que estaria abrindo portas muito especiais do imaginário popular. Para dar ao Sítio a impressão de veracidade e a aparência de um lugar habitado por pessoas comuns, levou para ele vários moradores como Dona Benta, Tia Nastácia, Seu Barnabé e, principalmente, Narizinho e Pedrinho. Juntando-se as crianças Emília, a boneca de pano, e Visconde, o boneco de sabugo de milho. Nesse universo aparentemente comum do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Monteiro Lobato iniciou a Literatura Infantil no Brasil.

Para Eliane Lopes, “[...] a marca inauguradora dessa representação do texto literário destinado à criança no Brasil é a obra de Lobato e, especificamente, a publicação em 1921 da história ‘A menina do nariz arrebitado’”.⁷ Lobato rompe com os cânones vigentes do texto literário, criando uma maneira própria de contar suas histórias.

Como nosso estudo remete ao antagonismo entre o que é mau e o que é bom, voltamos a atenção para o personagem Saci, representante natural da vertente má. O que seria, afinal, a figura folclórica do Saci? Segundo as tradições, trata-se de um diabrete que gosta de perturbar as pessoas. O Saci-Pererê é um pequeno diabo muito esperto “[...] está em todo o sul do Brasil e nas repúblicas vizinhas”.⁸ O Saci tem em sua origem vários nomes; Saci-ave, Alma de caboclo, Alma de gato e Ateng-aí, entre outros. Em seu envolvimento com os homens tanto ajuda quanto atrapalha, dependendo de seu humor. Ainda há o Kodolde que

[...] é uma espécie de Saci alemão, de Curilo da Bretanha, um diabinho irrequieto, buliçoso, agitado, atrapalhador do sossego doméstico nas residências onde ele se fixa. Agradado dos donos da

⁷ LOPES, Eliane Marta Teixeira. (Org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 14.

⁸ CAMARA CASCUDO, Luis da. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002, p. 122.

casa e servos, ajuda-os, lava soalhos, limpa os móveis, arranja a cozinha [...].⁹

Em seus rodamosinhos, um vento circular, definido como ventos inimigos que se encontram, ele se faz notar por suas artes, “[...] tendo tradições palpitantes e vivas em todos os países que circundam o Brasil e [...] nas regiões outrora povoadas pelos Tupi-guaranis [...]”,¹⁰ idioma que acabou por determinar o nome Saci.

Os registros mais antigos sobre seu aparecimento datam do final do século XVIII, vindo-se a se descobrir mais sobre o pequeno diabrete durante o século XIX. Uma característica marcante de sua estrutura física é a ausência de uma das pernas. Tal diferença física em relação aos seres humanos é descrita assim por Camara Cascudo:

A perna única do Saci-Pererê, de cuja ausência parece lamentar-se muito raramente, é recordação clássica do fabulário europeu, dos seres estranhos como os Ciapodos, Monocoles, Trolls. A carapuça vermelha do Saci-pererê é transformação da cabeleira rubra do Curupira.¹¹

A presença do chapéu vermelho, ou como relatam os portugueses “a carapuça vermelha”, é uma marca muito significativa para a concretização de sua imagem no imaginário popular. “A influência portuguesa no mito do Saci-Pererê é maior que julgamos, especialmente como duende noturno”. Ainda conta-se a mão furada, citada em um trabalho muito importante “em vários depoimentos paulistas no inquérito de 1917, é apenas uma reminiscência do “Pesadelo”, o fradinho da Mão furada, que usa também carapuça escarlate”.¹²

Em Portugal, temos a tradição do Fradinho ou Diabinho da mão furada, história que foi retomada por Antônio José da Silva, o Judeu, em seu hilário conto **Obras do diabinho da mão furada**. Assim nos relata Kênia Pereira, na introdução do título citado:

O diabinho, por onde passa, causa muita discórdia e atribulação. Quebra as louças das casas, faz os casais brigarem, espanta os cavalos, assustas os animais do campo, provocando barulhos e alaridos infernais. Mas que não se iluda o nosso leitor: essas traquinagens do nosso Diabinho da mão furada viram brincadeiras de moleque quando

⁹ CAMARA CASCUDO, Luis da. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global. 2002, p. 130-131.

¹⁰ Ibid., p.133.

¹¹ Ibid., p. 134.

¹² Ibid., p. 134.

comparadas à maioria das atrocidades que os seres humanos cometem uns contra os outros.¹³

Obras do Diabinho tem por característica vir da cultura popular carnalizada, brincando e tripudiando em seu tempo com a censura e os órgãos oficiais, zombando de todos, conseguindo vencer pelo maravilhoso efeito do riso, algo proibido pela igreja. Entendia-se o riso como um artifício do demônio. Para Bakhtin, o riso mostra que:

[...] o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é **ambivalente**: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.¹⁴

Para o Sacy é algo comum e peculiar. Seu riso é o riso popular e tripudiador. Proibido por ser algo pertencente ao demônio e, na modernidade, ao Sacy. O riso mereceria um outro estudo nesta mesma linha.

Retomando os comentários sobre **Resultado de um inquérito**,¹⁵ que aparecem no **Estadinho**, apelido dado à edição vespertina do Estado de S. Paulo em 25 de janeiro de 1917, na página dezoito, diz-se que o “Verdadeiro oásis onde a anciã vaga d’algo melhor põe tudo quanto o homem não encontra no deserto da vida, mas de que necessita para equilíbrio rythmico de sua alma”,¹⁶ pois se trata de um apontamento sobre a imaginação dos gregos povoando as florestas de seres fantásticos e o céu de Deuses. No caso do Brasil, quem vem das matas é o tal insigne perneta assim descrito no inquérito, organizado por Lobato:

O Sacy é um typo “mignon”, preto, lustroso e brilhante como o pixe, não tem pêllo no corpo e nem á cabeça; dois olhinhos vivos como os da cobra e vermelhos como os de um rato branco; a sua altura não passa de meio metro; possui dois braços curtos e carrega uma só

¹³ PEREIRA, Kênia Maria de. Introdução. In: _____. SILVA, Antonio José da. **Obras do Diabinho da mão furada**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 37.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo: HUCITEC. 1987, p. 10.

¹⁵ LOBATO, Monteiro. **O Sacy-Perêrê: resultado de um inquérito**. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1998. 294 p. A edição fac-similar de O Estadinho, na página 18, resgata o texto de apresentação sobre o inquérito: “O **Estadinho** inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou “enquête” como diz o Trianon na sua meia língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Sacy”.

¹⁶ A citação acima foi transcrita exatamente como está no inquérito publicadas no **Estadinho**, p. 18.

perna, com esta pula que nem cotia e corre que nem veado, o nariz, boca e dentes igualam-se aos dos pretos americanos [...].¹⁷

O Saci, o pequeno diabinho é descrito para Pedrinho a partir da visão de tio Barnabé, um senhor negro conhecedor do universo rural e de seus mistérios. Eis como seria essa criatura:

– Então conte. Que é, afinal de contas, o tal saci?

E o negro contou tudo direitinho

– O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele esta na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.¹⁸

O conhecimento de Pedrinho quanto ao Saci parte das experiências dos adultos, como tio Barnabé. Esse primeiro contato através da tradição oral motivou a procura da criatura.

Mais tarde, Pedrinho captura o Saci-Pererê¹⁹ com uma peneira e o prende numa garrafa. “Na mesma direção, ao dialogar com elementos do folclore, Lobato irá criar um Saci quase filósofo, que questiona a racionalidade civilizada [...]” mesmo aprisionado na garrafa, procura ensinar a Pedrinho algo novo que não se aprende em livros “[...] e vem falar de uma sabedoria remetida à natureza em oposição à cultura”.²⁰ Essa mesma cultura criada pelos homens.

¹⁷ Na transcrição de Câmara Cascudo, o texto ficou assim: “O Saci é um tipo “mignon”, preto, lustroso e brilhante como o pixe, não tem pêlo no corpo e nem à cabeça; dois olhinhos vivos como os da cobra e vermelhos como os de um rato branco; a sua altura não passa de meio metro; possui dois braços curtos e carrega uma só perna, com esta pula que nem cutia e corre que nem veado, o nariz, boca e dentes igualam-se aos dos pretos americanos”. O texto acima, em forma de citação, foi retirado da Edição fac-similar de: LOBATO, Monteiro. *O Sacy-perêrê*. Resultado de um inquérito. São Paulo: Odebrecht, 1998, p. 40.

¹⁸ Id. *O Saci*. São Paulo: Globo, 2007, p. 21.

¹⁹ Saci, entidade maléfica em muitas, graciosa e zombeteira noutras oportunidades, comum nos Estados do Sul. Pequeno negrinho, com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto, amigo de fumar cachimbo, de enrançar as crinas dos animais, depois de extenua-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso, inlocalizável e assombrador. Pode dar dinheiro. Não atravessa água como todos os encantados. Diverte-se criando dificuldades domésticas, apagando o lume, queimando alimentos, espantando o gado, espavorindo os viajantes nos caminhos solitários.

²⁰ LOPES, Eliane Marta Teixeira. (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 21.

PACTOS, PROMESSAS E VASOS QUEBRADOS

A confrontação entre o humano e o místico, tendo de um lado Pedrinho e Fausto, do outro, Saci e Mefistófeles, é desequilibrada. Os demônios mostram o quanto o ser humano é falho e limitado. Pedrinho e Fausto se empenham em mostrar o contrário, relatando a capacidade criadora do homem, mas os demônios riem deles apontando as falhas e erros que compreendem a raça humana. Sua existência é permeada de guerras, pestes, fome, pragas naturais e mesmo a escrita e as grandes construções não são mais que produtos da dor e sofrimento de milhares ou milhões de pessoas.

O relacionamento entre Saci e Pedrinho, o Fausto de Monteiro Lobato, não acontece através de um contrato de tempo pré-determinado, mas pela troca de confiança entre eles. Pedrinho lhe concede o benefício da liberdade restituindo-lhe a carapuça.

- Isso mesmo. Restituir-me a carapuça e com ela a liberdade. Aceita?
- Que remédio!
- Muito bem – disse o saci – Mas nesse caso você tem de abrir a garrafa e me soltar. Terei assim mais facilidade de ação. Você jurou que me liberta; eu dou minha palavra de saci que mesmo solto o ajudarei em tudo.²¹

Tem-se, então, um acordo firmado por palavras entre o Saci e Pedrinho, pelo qual, ambas as partes receberão benefícios. O diabinho livre da garrafa e Pedrinho recebendo a ajuda para que não fique perdido na floresta frente aos perigos que ela oferece.

Já na obra de Goethe, **Fausto**, há uma passagem sobre pactos semelhante a esta de Monteiro Lobato. Para Mefistófeles, o contrato tem um tempo previsto para começar e terminar. Fausto o aceita e passa a aguardar para receber os diversos favores do maléfico.

FAUSTO

Pedante, algo de escrito exiges mais?
Palavra de homem conhecestes tu jamais?
[...] Porém um pergaminho, inscrito, impresso, alheio,
[...] devo escrever com lápis, cinzel, pena?
Dou-te de tudo escolha plena.

MEFISTÓFELES

Porque axageras teu palavreado
Com jeito tão acalorado?

²¹ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007, p. 28-29.

Serve qualquer folheto ou nota.
Com sangue assinas, uma gota!

FAUSTO
Não há perigo de eu romper o pacto!
O afã do meu vigor completo
É justamente o que prometo.²²

“Ao analisar o Fausto de Goethe, Haroldo de Campos põe ênfase na linguagem picaresca de Mefisto, que o situa entre pícaro e malandro [...]”.²³ Recurso que utiliza com maestria para realização de seus intentos; neste caso, firmar o acordo com Fausto.

Esse seu modo peculiar em dialogar, “O linguajar de Mefistófeles, na sua corrosiva negatividade, põe tudo à bulha, dessacraliza tudo, crenças e convicções”,²⁴ assim consegue controlar Fausto ofuscando sua visão. Sua oferta assegura o contrato e a alma de Fausto em troca de benesses que somente ele, Mefistófeles, pode oferecer:

MEFISTÓFELES
Daquilo que aos sentidos praz,
Numa hora, mais desfrutarás
Do que, em geral, num ano inteiro.
Dos meigos gênios os cantares,
Os lindos quadros que diluem nos ares,
Não são mendaz, mágica folga.
O teu olfato se há de deliciar,
Distrai-se, após, teu paladar,
E teu sentir, enfim, se empolga.
O prólogo sem mais se abstrai,
Estamos juntos, principiai!²⁵

Fausto se submete aos caprichos e promessas de Mefistófeles, sem considerar o preço a ser pago por tal acordo e quando viria o final de sua vigência.

Por outro lado, o envolvimento entre o pequeno diabrete e Pedrinho abre um parêntese que permite discussões sobre os seres humanos. Essas questões apresentam pensamentos de fundo filosófico num processo contínuo de entendimento sobre o aprender dos homens e dos Sacis. É um jogo em que prevalecerá o argumento, as

²² A cena em questão se passa no quarto de trabalho onde Mefistófeles encontra Fausto mergulhado em seus trabalhos e em profundo desespero em face à condição humana. GOETHE, J. Wolfgang Von. **Fausto, uma tragédia**. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 171-173.

²³ FERREIRA, Jerusa Pires. **Fausto no horizonte**. São Paulo: HUCITEC, 1995, p. 62.

²⁴ CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 79.

²⁵ GOETHE, 2007, op. cit., p. 149. Esta cena também decorre no quarto de trabalho de Fausto, pois na dimensão temporal ambas as cenas se acham próximas e distantes uma da outra pelos caminhos que seguem.

palavras mais sábias do diabinho. Pedrinho se vê frente a considerações das quais não pode fugir:

– Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo. Qualquer desses bichinhos que você vê mal sai do casulo e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais. Bem consideradas as coisas, Pedrinho, parece que não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha?²⁶

Exatamente como Mefistófeles, o Saci envolve Pedrinho em seu jogo de palavras. Seu objetivo é mostrar o quanto a humanidade consegue ser perigosa para si mesma.

Em relação à natureza, o homem ainda está muito atrasado tentando se equiparar ao que ela pode fazer. Pedrinho não sabe como explicar esses fatos, mas considera a leitura de livros um artifício importante, uma capacidade especial do homem, imediatamente colocada em dúvida pelo Saci. Este artifício que tornaria o homem diferente dos outros seres, aos olhos do Saci, soa como mais um subterfúgio usado pelo homem para esconder sua ignorância: “[...] E para que serve ler? Se o homem é a mais boba de todas as criaturas, de que adianta saber ler o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que outro bobo pensou? [...]”²⁷.

O Saci traz Pedrinho para bem perto de uma realidade que se desenrola naquele momento. Um dos fatos mais trágicos na história da humanidade²⁸. Diz o Saci a Pedrinho:

– Glória da natureza! – exclamou o capetinha com ironia. – Ou está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi dona Benta ler num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?²⁹

O relacionamento faustico com o Saci leva Pedrinho a um questionamento referente à tecnologia, a ciência na vida do ser humano diante da natureza. Pedrinho então lembra ao Saci o desenvolvimento tecnológico que permitiu ao homem voar “[...]”

²⁶ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007, p. 35-36.

²⁷ Ibid., p. 36.

²⁸ A Europa está sofrendo com a primeira grande Guerra Mundial. Milhares de soldados morrem nas frentes de batalhas e nos combates de trincheiras, sem que haja uma previsão para o fim do conflito.

²⁹ LOBATO, 2007, op. cit., p. 37.

– disse Pedrinho meio convencido. – Mas aeroplano? Que bichinho daqui seria capaz de construir aviões como nós homens os construímos?”.³⁰ Ao que respondeu o diabrete:

– Olhe, Pedrinho, você está-me saindo tão bobo que até me causa dó. Aviões! Pois não vê que o avião é a mais atrasada máquina de voar que existe? Aqui os bichinhos de asas estão de tal modo adiantados que nenhum precisa de mostrengos como o tal avião.³¹

Pedrinho sente que deve ceder aos argumentos do diabrete. O simples fato de se construir aeroplanos não tornava o homem superior, mas apenas atesta suas limitações diante dos fatos. Voar é uma habilidade dos pássaros, algo natural para eles.

Sem o benefício propiciado pela tecnologia, Fausto sobrevoara a capital da Alemanha sob os auspícios do demônio Mefistófeles, atitude de comprovação de seus poderes. A confirmação do tratado leva Fausto a viver e a ver o mundo de uma forma diferente. Aos poucos o brilho do deslumbre cede para uma opacidade deixando-o triste:

FAUSTO

Nada mais tens em que ocupar-te
Do que em me vir turbar a paz?

MEFISTÓFELES

Bem, bem! Deixo-te já de parte,
Não mo repitas, tanto faz.
Contigo, inculto e rude companheiro,
Pouco se perde; há quem o diz!
Tem-se trabalho o dia inteiro,
E o que praz e não praz ao cavalheiro,
Jamais lhe está escrito no nariz.³²



www.revistafenix.pro.br

Fausto compreende que está em um jogo nada honesto. Mefistófeles não se importa com o que faz, sem considerar o peso de suas ações, desde que o tenha sob controle.

São as questões morais por trás da fala de Mefistófeles que o aproxima do pensamento do Saci, ao colocar em xeque as leituras e o pensamento do ser humano. Diz Pedrinho “[...] e nós temos de aprender com os nossos pais ou nos livros. Isso só prova o nosso valor [...]”.³³ Assim como Mefistófeles, o Saci parece saber mais sobre o ser humano do que ele mesmo:

³⁰ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007, p. 36.

³¹ Ibid., p. 36

³² GOETHE, J. Wolfgang Von. **Fausto, uma tragédia**. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 361. Esta cena se passa na floresta e gruta. Segue um longo monólogo de Fausto em versos brancos. Assim que Mefistófeles aparece, Fausto volta a falar rimado.

³³ LOBATO, 2007, op. cit., p. 41.

Perfeitamente – concordou o Saci – Não nego o mérito do esforço dos homens. O que digo é que eles são seres atrasadíssimos – tão atrasados que **ainda precisam** aprender por si mesmos. E nós somos seres aperfeiçoadíssimos porque já não precisamos aprender coisa nenhuma. Já nascemos sabidos.³⁴

Se Mefistófeles propicia a Fausto uma visão da capital alemã voando em seu tapete, o Saci galopa com Pedrinho pela mata. Mas a visão que o Saci proporciona a Pedrinho é do sacizal. Essa é uma visão que não pode ser descrita. Conceber a idéia de como eles nasciam e se multiplicavam era algo não imaginado pelo menino:

Nem em sonhos Pedrinho jamais esperou que pudesse observar um quadro mais curioso. Aqueles minúsculos capetinhas eram as mais travessas e inquietas criaturas que se possa imaginar. Não paravam um só instante. Cabriolavam nos musgos do chão, pulavam como pulgas, dançavam, inventavam mil travessuras. E tudo faziam sem por um só instante tirarem o pitinho da boca.³⁵

Toda a inquietação dos pequenos se assemelha ao constante sair de cena de Mefistófeles sempre à procura de algo que lhe ajude a conquistar a alma de Fausto. Mas ali, no sacizal, não há o interesse de se conquistar nenhuma alma, a não ser a liberdade do próprio capetinha das obrigações como servo de Pedrinho. Por sua vez, o vôo de Fausto sobre a Alemanha em muito se assemelha ao ver o sacizal cheio de vida e as ruas turbulentas de Berlim.

O mais próximo que Fausto chega de ter uma visão do inferno antecede ao momento em que é transformado em jovem pela bruxa. O verdadeiro inferno virá com o conhecimento das verdades do mundo escondidas por Mefistófeles. Tanto ele quanto o Saci, em suas atitudes picarescas, ludibriando aqueles que os cercam no constante dizer o não-dito. Haroldo de Campos trata Mefistófeles “[...] com inusitada condescendência, exatamente pelos traços “carnavalizados” desse seu matreiro interlocutor. [...] A estas declarações tolerantes, um Mefistófeles entre pícaro e malandro responde com palavras que fecham, num círculo reversível, [...]”.³⁶

MEFISTÓFELES

Devo trazer-te, antes de tudo,
A roda alegre e livre como esta;
Da vida fácil, faze aqui o estudo;
Para este povo, todo dia é festa.
A graça é pouca, mas, havendo quem aplauda,

³⁴ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007, p. 41.

³⁵ Ibid., p. 51.

³⁶ CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 79.

Cada um revolve alegre em sua estreita roda,
Como gato, a brincar com a cauda.
Enquanto uma enxaqueca não os incomoda
E lhes dá crédito o patrão,
Ledos e sem cuidado estão.³⁷

O Saci, em sua filosofia de vida, não deixa passar um instante sem ensinar algo a Pedrinho que tenha sentido prático e que mais tarde virá salvar a vida de Narizinho. O relacionamento entre o Saci e Pedrinho realmente resulta no resgate de Narizinho, ainda transformada em pedra pela Cuca. Ao quebrar o feitiço, lentamente a menina do nariz arrebitado volta a ser uma criança. Foi a confiança de Pedrinho depositada no Saci que tornou tal evento possível.

Numa demonstração de que havia aprendido algo, Pedrinho ao ser tratado como Herói por Dona Benta, disse:

– Espere vovó – disse Pedrinho com modéstia – Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo Saci? Na verdade foi ele quem fez tudo. Sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho nada teria conseguido. Absolutamente nada. Agradeça ao Saci que não fez senão dar o seu ao seu dono, como diz Tia Nastácia.³⁸

O enfrentamento de Pedrinho e Saci para vencer as artimanhas da Cuca mais uma vez nos remete ao processo de transformação de Fausto ante a poção da bruxa que lhe traria juventude. A magia empregada cede ante o momento do sacrifício de Margarida. A palavra empenhada a Mefistófeles determina a tragédia de Fausto. Em se tratando do acordo entre Pedrinho e o Saci, todos são beneficiados. Mesmo o pequeno diabrete se beneficia ao ter feito um acordo com Pedrinho.

O SAPATO, O CADARÇO E O LOGRADO

No afã de salvarem Narizinho, Pedrinho e o Saci precisam também usar de artimanhas para vencer a Cuca. Eles vão até a caverna onde ela mora e a amarram-na. Depois colocam-na sob uma goteira cujos pingos caem em sua cabeça. Mesmo dominada, tenta surpreender os dois fazendo com que procurem pela Iara e sejam enfeitados. Mas graças à astúcia do Saci, isso não acontece.

³⁷ GOETHE, J. Wolfgang Von. **Fausto, uma tragédia**. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 210. A cena se passa na Taberna de Auerbach em Leipzig. Trata-se de um bar que fora freqüentado por Goethe, onde existiam pinturas retratando Fausto.

³⁸ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Globo, 2007, p. 71.

De volta a caverna, eles deixam a Cuca embaixo da goteira mais um pouco. “Mas, vendo que se tinha enganado, debatia-se no maior acesso de cólera e desespero, sentindo-se completamente vencida. E por quem! Por um menino de nove anos e mais um saczinho”.³⁹ Assim a armação da bruxa cai por terra:

– Meus parabéns. Vocês descobriram a única arma no mundo capaz de vencer uma Cuca – esse miserável pingo d’água... Farei como quiserem. Desencaterei a menina.[...] Reconheço que fui vencida e que seria tolice teimar. Voltem ao sítio, façam o que eu disse e depois venham desamarrar-me. [...].⁴⁰

O mal que havia praticado agora lhe trazia problemas não lhe restando outra alternativa, assumir a derrota imposta pelos pequenos. O logro pretendido por Cuca se volta contra ela mesma, pois o pacto entre um Saci e um menino de nove anos pode ser mais forte e preciso que o conhecimento de uma bruxa velha.

O desfecho escolhido por Monteiro Lobato para Narizinho compreende bem os fados do mundo mágico. Narizinho é a representação de Margarida. Apenas o destino de ambas repousa em caminhos diferentes. Para a primeira, a vida; para a segunda, a morte.

Triste é o destino de Fausto diante da prisão de sua amada Margarida. Não há para ela a esperança alguma, ou magia que possa lhe salvar. O contrato firmado com Mefistófeles cobra de Fausto a dívida. Enquanto o acordo de Saci e Pedrinho leva ao logro a velha bruxa, determinando o salvamento de Narizinho e o equilíbrio de tudo. O Saci volta para a mata e Pedrinho se junta aos moradores do Sítio.

QUEBRAS, CONSERTOS E REMENDOS

Quem se envolve com mistérios e magia pode encontrar alguma surpresa. Tudo que, num primeiro momento, se mostra mal pode, com o tempo, revelar uma outra faceta. Nas cavernas de Moria, por exemplo, a sociedade do anel enfrenta um **Balrog**, criatura de fogo semelhante às descrições do demônio,⁴¹ cuja natureza é má; as descrições de tio Barnabé sobre o Saci como sendo um ser dado a fazer estripulias e provocar todo tipo de problemas; o diabinho da mão furada que segue o soldado

³⁹ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Editora Globo, 2007, p. 69.

⁴⁰ Ibid., p. 69.

⁴¹ Cf. TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis, a sociedade do anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 443 p.

tentando dominá-lo. Todos são o mal a solta, sob várias formas, escondido nas sombras sempre a procura, a espreita dos incautos.

Apesar de sua origem, o Saci acaba por se mostrar uma criatura muito sábia durante a vigência do acordo com Pedrinho. Seus conhecimentos bem aplicados servem a todos beneficentemente. Os embates sobre quem realmente detêm maior experiência ajuda Pedrinho a amadurecer.

Em uma segunda promessa entre Fausto e Mefistófeles, mesmo havendo aprendizado, aos dois parece incidir a derrota. Entregue a um sentimento especial, Fausto não consegue manter sua palavra e segue para morte junto ao seu grande amor, Margarida. Do outro lado, a confiança e certeza de Mefistófeles, determinado a colher a alma de Fausto, também cai por terra ante a presença de tal sentimento, o amor. Fausto quebra sua palavra, um castelo construído apenas de areia. O trato se desfaz com o sopro de um olhar. Arrependido, Fausto reencontra a fé perdida no início de sua jornada e paga com vida.

Pedrinho, por sua vez, depois de viver experiências extraordinárias na mata, propiciadas pelo medo do desconhecido, depara com um problema nascido dos ardis da bruxa Cuca. Mais uma vez um sentimento é colocado em evidência. O amor fraternal de Pedrinho por Narizinho o leva a procurar pela bruxa. Com a ajuda do Saci, consegue aprisioná-la e encontrar um meio de trazer a menina de volta. Vemos um segundo sentimento, a amizade entre o Saci e Pedrinho. Temos, então, a prova incontestável de que não importa quão difícil seja cada um dos passos, o medo acaba cedendo lugar a outros sentimentos. Para Fausto, o amor e para Pedrinho, a amizade e o amor.

Às vezes o ser humano precisa ser tentado pelo lado negro das forças para poder enxergar a luz. Os muitos tecidos belos e caros tem em sua tessitura as experiências fausticas para nos testar. Às vezes somos cercados por Patrícios que enxergam os muitos Herculanos vestidos de todas as virtudes e franquezas que compõem o homem. Esses Patrícios⁴² que se dizem capazes de ajudar, mas tudo que podem fazer é exercitar seu jeito moleque de Saci e espírito mefistófelo.

Há sempre um caminho a ser seguido, diria Frodo no alto de uma cordilheira olhando para o horizonte sombrio de Mordor:

-Todo o meu plano está arruinado! – disse Frodo. – Não adianta tentar escapar de você, mas estou feliz, Sam. Não consigo dizer como estou

⁴² RODRIGUES, Nelson. **Toda nudez será castigada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 125 p.

Feliz. Venha! É óbvio que nós devíamos ir juntos. Vamos, e que os outros encontrem uma estrada segura! Passolargo cuidará deles. Não acho que os veremos outra vez.

-Mas pode ser que sim, Sr. Frodo. Pode ser que sim – disse Sam.⁴³

Mesmo em meio a mais profunda desolação que cerca os personagens, uma ínfima luz ainda insiste em brilhar conduzindo-os pelos vales de sombras que se avolumam ante o medo de não saber sobre o futuro. Por estes caminhos ainda andam muitos Faustos e Pedrinhos. Os Faustos tendo seus horizontes mefistofelicemente enegrecidos. De outro lado, os Pedrinhos nos Sítios da vovó ainda pensam nos pequenos diabretes saltando em uma perna só...



www.revistafenix.pro.br

⁴³ TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis, a sociedade do anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 443.